

A MUDANÇA DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Diego Rodrigo Ferraz¹
ferrazdiegor@gmail.com
Naiara Beatriz de Souza da Silva²
naiarabss@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, defende-se a tese de que houve um desaparecimento da aglutinação dos clíticos no português brasileiro. Para comprovar tal hipótese, foram analisados textos literários dos séculos XIX e XX, da literatura brasileira, bem como, paralelamente, jornais desse mesmo período, procurando esclarecer como se deu essa mudança. Enquanto se faz essa análise, será verificado se a escrita jornalística da época — mais próxima da linguagem cotidiana — possui uma labilidade maior que a linguagem literária. Para tanto, embasar-se-á na Linguística Histórica, responsável por tornar a Linguística uma ciência, observando, por meio de uma análise diacrônica dos textos, que as mudanças ocorrem de maneira lenta e imperceptível aos falantes de uma língua, até que se possa estar estabelecida.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Histórica; Clíticos; Pronome oblíquo; Aglutinação.

THE CHANGE OF CLITICS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

This article defends the idea that there was a disappearance of the agglutination of the clitics in Brazilian Portuguese. To prove this hypothesis, this work will analyze Brazilian literary texts from the nineteenth and twentieth century and also journalistic texts from the same period trying to elucidate how this change occurred. During this analysis, our study will verify if the journalistic writing from the epoch – closer to the everyday language – has a greater lability than the literary writing. To achieve the objectives above, this work will use as base the Historical Linguistics, responsible for making linguistics a science, observing through a diachronic analysis of the texts that changes occur slowly and imperceptibly to the speakers of a language until can be established.

KEYWORDS: Historical Linguistics; Clitics; Oblique Pronoun; Agglutination.

1 Introdução

*Artigo produzido para cumprimento parcial da disciplina Morfologia e Sintaxe Histórica, sob orientação da Professora Dr^a Fernanda Cizeski.

¹²Cursando Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Para buscar esclarecer a mudança ocorrida nos pronomes oblíquos da língua portuguesa, teve-se por base uma área da Linguística denominada de Linguística Histórica que se ocupa “fundamentalmente com as transformações das línguas no tempo; e os lingüistas [sic] que nela trabalham procuram surpreender, apresentar e compreender essas transformações, orientando-se, na execução dessas tarefas, por diferentes sistemas teóricos.” (FARACO, 1991, p.57). A partir da Linguística Histórica e numa concepção imanentista da língua, procura-se analisar e verificar as questões estruturais e mudanças ocorridas nessa estrutura. Este artigo surge de uma leitura do livro de Roberts e Kato (1996), em específico o capítulo “Clíticos, mudança e seleção natural”, entretanto, diferente da perspectiva desse capítulo, e da maioria dos trabalhos, o que se investigará é o processo de aglutinação dos clíticos, ou, para ser mais específico, dos clíticos pronominais do português brasileiro. Destina-se, então, a observar a questão de que a aglutinação ocorrida entre os pronomes oblíquos era muito frequente, algo hoje raramente visto tanto na escrita, quanto na fala. Mas, para além da mudança incidida, observam-se outros fatores como a questão da língua escrita e, principalmente, a literária terem uma maior estaticidade que a língua falada, pois a fala apresenta um uso mais espontâneo da língua, a escrita, no entanto, possui um caráter mais conservador.

Para comprovar a hipótese da diminuição no uso da aglutinação entre os pronomes oblíquos e constatar como se deu esse processo, foram analisados alguns textos literários observando as ocorrências das aglutinações. Posterior a isso, analisaram-se textos jornalísticos, haja vista que eles estão mais próximos da língua quotidiana (falada), para procurar se se encontrariam nessas as mesmas evidências daqueles, e, então, comparar as ocorrências. Esta pesquisa está inserida numa perspectiva histórica, pois visa a um tratamento da linguagem ao longo de um período de tempo, observando a linguagem diacronicamente, para assim se obter a resposta às mudanças ocorridas e entender como ocorreram. Além dessa análise diacrônica, procurar-se-á, como já dito, realizar a análise sincrônica entre o texto literário e o jornalístico, e de tal modo averiguar os reflexos que sucedem o desuso da aglutinação dos clíticos pronominais. Assim, o texto se dividirá, basicamente, em três momentos: apresentação a respeito da Linguística Histórica e as mudanças linguísticas; posteriormente, uma breve introdução sobre os clíticos e a aglutinação; para então, realizar a exposição e análise dos dados.

2 Linguística Histórica

Pode-se dizer que a Linguística Histórica é a linguística diacrônica. Se Ferdinand de Saussure se preocupou em analisar sincronicamente a língua (*langue*), em contrapartida a Linguística Histórica se dedica à análise diacrônica, ou seja, estudar “os processos de mudança das línguas no tempo” (GABAS JR., 2007, p. 77). Mais que isso, ela pesquisa o parentesco entre as línguas, chegando ao que se conhece hoje como “proto-indo-europeu”, ou o ancestral das línguas indo-europeias.

Entretanto, mesmo com todas as descobertas da Linguística Histórica, não se pode dizer quando “a linguagem surgiu, nem sabemos qual foi a primeira língua da humanidade” (ELGIN, 1974, p. 64). Por isso e tendo isso em vista, desenvolve-se, no século XIX, o “método comparativo, que resultou num conjunto de princípios pelos quais as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas [...], de modo a demonstrar que eram ‘geneologicamente’ aparentadas.” (WEEDWOOD, 2006, p. 103). E através desse método se procura reconstruir a história das línguas. Ao se conhecer a existência de um campo de estudo denominado Linguística Histórica, que, dentre outras coisas, foi o responsável por colocar a linguística em um patamar de ciência, descobre-se, por exemplo, que a língua aparentemente tão estável, está em constante processo de mudança.

Assim, a Linguística Histórica visa a “um tratamento científico da língua” (FARACO, 1991, p. 57) ou da mudança linguística. Isso significa:

[...] realizar, dentro de quadros teóricos definidos, descrições dos diferentes processos de mudança ocorrentes na história de uma língua ou de uma família de línguas; e, ao mesmo tempo, construir hipóteses de caráter explicativo para os fenômenos descritos, com base em pressupostos mais gerais a respeito da mudança linguística [sic] como um todo. (FARACO, 1991, p. 57)

Apesar disso, “os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando.” (FARACO, 1991, p. 9). Segundo Gabas Júnior, as mudanças ocorrem de modo imperceptível por causa, geralmente, de “[...] três fatores: a) as mudanças são lentas e graduais; b) elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema lingüístico [sic] e não seu todo; c) elas sofrem influência de uma força oposta, a força de preservação da intercompreensão” (2007, p. 81). Esses três fatores conseguem dar conta da razão de as mudanças linguísticas ocorrerem de modo tão sutil. “Há, porém, situações em que os falantes acabam por perceber a existência de mudanças. Isso ocorre quando, por exemplo, os falantes são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua; ou convivem mais de perto com falantes bem mais jovens ou bem mais velhos;” (FARACO, 1991, p.10).

Enfim, as mudanças ocorrem, ora os falantes da língua percebem essas mudanças, ora não. Ademais, elas acontecem de diversos modos (mudanças: morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e lexicais), porém, aqui se deterá às mudanças morfológicas e sintáticas, observando que quando se tem um ganho morfológico há uma perda sintática ou vice-versa.

2.1 Mudança morfológica e sintática

Para se entender as mudanças morfológicas e sintáticas, é preciso compreender o que é morfologia e o que é sintaxe. De maneira resumida, Faraco (1991, p. 21) as explica:

A morfologia trata dos princípios que regem a estrutura interna das palavras: seus componentes (chamados de morfemas), os processos derivacionais (as formas de se obter novas palavras) e flexionais (as formas de se marcar, no interior da palavra, as categorias gramaticas como gênero, número, aspecto, voz, tempo, pessoa).

E sintaxe seria “o estudo da organização das sentenças numa língua.” (FARACO, 1991, p. 22).

Não se quer neste ponto exemplificar as várias mudanças que podem ocorrer tanto morfológicamente quanto sintaticamente, mas sim, demonstrar que quando se perde na morfologia, ganha-se na sintaxe. Por exemplo, quando não há uma marcação (morfológica) no verbo (como o modo, o tempo, a pessoa e o número), essa se dará por meio da (sintaxe) perífrase. Por exemplo, **Hei de matar**¹ > **Matarei**² > **Vou matar**³. Nos três exemplos trata-se da mesma pessoa (1ª do singular) e o mesmo tempo (futuro do indicativo), mas o que se quer chamar a atenção é que, no exemplo dois (2) a marcação é morfológica, ou seja, ocorre internamente na palavra (matar), já nos outros dois exemplos, a marcação não aparece na palavra matar e, por isso, ocorre um ganho sintático, pois ela terá de aparecer e se dará pelo verbo auxiliar (no exemplo 1 “Haver” e no 3 “Ir”), ou seja, ocorre a perífrase (locução verbal); tornando-se observável que quando há uma perda morfológica terá de haver um ganho sintático ou ao contrário. Tendo em vista que a língua não pode mudar radicalmente, pois não se estabeleceria uma comunicação. Percebe-se que a mudança é parcial e não em um todo, porque se está buscando preservar a intercompreensão. Se as marcações — no exemplo anterior — não aparecessem nem internamente na palavra matar, nem nos verbos auxiliares, perder-se-ia a intercompreensão ao não saber a que pessoa ou tempo, por exemplo, o verbo se referiria.

3 Clíticos

Posto isso, este artigo trata da mudança ocorrida nos clíticos (pronomes oblíquos) que antigamente (antes do século XX) eram aglutinados e com o passar do tempo isso foi deixando de ocorrer. No entanto, para se entender o processo de aglutinação é preciso saber o que são os clíticos. Segundo Houaiss e Villar o clítico é um “vocábulo átono que, num enunciado, se integra fonologicamente a palavra anterior ou posterior, formando uma sílaba da mesma (pronomes oblíquos, preposições, conjunções, artigos etc.)” (2001, p. 741). Por conseguinte, este artigo tratará da mudança ocorrida em específico na aglutinação dos pronomes oblíquos.

3.1 Aglutinação

A aglutinação é a “reunião em um só vocábulo, com significado independente, de dois ou mais vocábulos distintos; ocorre perda de fonemas e [...] de acento de um dos vocábulos aglutinados” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 116) e, como no exemplo demonstrado adiante, linguisticamente este processo passou por uma mudança a qual resultou no desuso da aglutinação. Constituem, portanto, o objeto de estudo deste artigo as aglutinações dos pronomes oblíquos, como, por exemplo: me+a ou + o = ma, mo; lhe + a ou + o = lha, lho; e etc.

Ao se observar os ganhos e as perdas morfológicas, notou-se que, recentemente, ao invés de se utilizar a aglutinação de pronome oblíquo, carregando na morfologia aquilo que se quer dizer; tem-se uma preferência por carregá-lo sintaticamente. Por exemplo:

João! Dá-me o relógio; dá-mo aqui!

João! Me dá o relógio; me dá ele aqui!

João! Dá-me o relógio; dá-me o relógio aqui!

Nota-se que do primeiro para o terceiro exemplo foi-se ganhando sintaticamente, pois por não aparecer o pronome oblíquo “o” aglutinado ao pronome “me”, o objeto da frase teve de se mostrar por meio da sintaxe, utilizando “ele” ou repetindo “o relógio”.

Portanto, para realizar essa análise do desuso da aglutinação foram analisados textos literários (diacronicamente) de um espaço de tempo (1887-1938), para se observar as

ocorrências das aglutinações dos clíticos e investigar quando a aglutinação foi deixando a escrita (literária); concomitantemente se realizou uma análise sincrônica de jornais, comparando-os à escrita literária em épocas simultâneas. Para então, investigar quando aconteceu o desuso da aglutinação de pronomes oblíquos e se isso já se demonstrava consolidado de fato na linguagem jornalística, que é considerada menos formal.

É necessário destacar que, segundo Coutinho (1976, p.334-335), há diferenças entre o português brasileiro e o europeu, pois práticas incomuns àquele são comuns a este. Ele diz ainda que no português brasileiro “[...] jamais combinamos os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos*, com *o, a, os, as*. Assim, é-nos inteiramente estranho o uso de *mo, to, lho, no-lo, vo-lo*;” (1976, p. 335, grifo do autor), não é que não se possa combinar, todavia, é uma prática não utilizada, dir-se-ia que isso é hoje um arcaísmo, sobretudo no português brasileiro.

4 Análise de dados

Diante disso, para realizar esta pesquisa, analisaram-se sete obras da literatura brasileira entre os períodos de 1887 a 1938. Simultaneamente, buscaram-se jornais desses períodos para se comparar. As obras analisadas foram *O coruja* (1887), *O Ateneu* (1888), *O Cortiço* (1890), *Os Sertões* (1902), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Menino de engenho* (1932) e *Vidas Secas* (1938). Os textos jornalísticos analisados foram dos jornais *O Globo* e *O Jornal*. Adverte-se que os anos em questão são os de publicação das primeiras edições das obras literárias. As edições analisadas são de datas posteriores, porém, isso não compromete a confiabilidade dos dados tendo em vista que se procurou realizar um cruzamento intensivo entre várias edições e nas edições em que não apareceu nenhum caso de aglutinação, foi buscada a edição mais antiga possível. Além disso, foi analisado e verificado que mesmo nas obras literárias em que nenhum pronome oblíquo foi aglutinado, a ocorrência poderia acontecer.

4.1 Dados literários

Segue a tabela com o número de ocorrências em cada uma das obras:

TÍTULO	ANO	Nº DE OCORRÊNCIAS	OCORRÊNCIA MAIS
--------	-----	----------------------	--------------------

			FREQUENTE
<i>O Coruja</i>	1887	23	“Me + o” sete vezes
<i>O Ateneu</i>	1888	3	“Me + a” duas vezes
<i>O Cortiço</i>	1890	23	“Lhe + o” dez vezes
<i>Os Sertões</i>	1902	6	“Nos + o” quatro vezes
<i>O triste fim de Policarpo Quaresma</i>	1915	1	“Nos + a” uma vez
<i>Menino de Engenho</i>	1932	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>Vidas Secas</i>	1938	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência

Fonte: Os próprios autores.

Ao se analisar as obras literárias, pôde-se perceber que, gradativamente, a aglutinação foi deixando de ser utilizada, — com exceção d’*O Ateneu* que apresentou um número menor de incidências ainda que estas tenham aparecido — o que há é uma queda gradual de ocorrências até o momento em que não aparece mais nenhuma. Assim, a mudança que ocorre — como já antes dito — de modo lento e gradual, além de imperceptível, aqui se torna visível através dos dados. Sabe-se que na atualidade do português brasileiro, o uso da aglutinação dos pronomes oblíquos tem-se tornado ínfima, porém ao se observar os textos literários se mostra claro que esta mudança foi ocorrendo ao longo de um grande período. Obviamente até hoje se pode utilizar deste recurso ao se escrever um texto ou até mesmo na fala, porém isso causará um estranhamento na maioria dos interlocutores, pois é pouco recorrente em nosso cotidiano, a não ser quando nos deparamos com esses textos literários que datam do século XIX ou anteriores e raras exceções em alguns poucos literários contemporâneos. Para corroborar com a hipótese de que o uso de aglutinação nos textos está diminuindo gradativamente, abaixo será apresentada a análise de textos jornalísticos de 1852 a 1930.

4.2 Dados jornalísticos

Seguem em tabela abaixo os dados dos jornais:

TÍTULO	ANO	Nº DE OCORRÊNCIAS	OCORRÊNCIA MAIS FREQUENTE
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00095	1852	1	“Lhe + o” uma vez
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00005	1877	1	“Lhe + o” uma vez
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00008	1877	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00023	1877	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00037	1877	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00042	1877	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00001	1881	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00098	1890	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00101	1890	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00104	1890	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00108	1890	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Globo</i> (RJ) – Edição 00111	1890	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 00015	1919	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 00019	1919	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 00021	1919	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 00025	1919	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 00033	1919	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 03412	1930	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 03415	1930	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 03420	1930	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 03436	1930	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência

<i>O Jornal</i> (RJ) – Edição 03447	1930	Nenhuma ocorrência	Nenhuma ocorrência
--	------	--------------------	--------------------

Fonte: *O Globo* e *O Jornal*.

Nas análises dos jornais datados da mesma época dos textos literários não se encontrou nenhuma ocorrência do uso de aglutinação dos clíticos pronominais. Contudo, ao se investigar em jornais um pouco anteriores a 1880 se encontrou tais casos em uma edição de *O Globo* de 1852 e, mais recente, em uma edição de 1877; comprovando que a aglutinação era uma prática utilizada até mesmo em textos jornalísticos, porém que foi deixada de lado.

Portanto, ao comparar os dados em questão, fica nítido o que Faraco (1991) relata: a escrita é mais estável do que a língua falada, ou seja, os textos jornalísticos, que embora não sejam dados de fala, estão mais próximos da oralidade do que os literários, e como estão mais próximos da oralidade, perderam o uso da aglutinação muito antes de que os literários. Pois, em épocas em que os jornais não se utilizavam mais de tais práticas de aglutinação dos clíticos, os literários ainda o faziam.

5 Considerações finais

Em suma, este artigo defendeu a tese de que a aglutinação dos clíticos era uma prática que ocorria com bastante frequência, mas que com o passar do tempo deixou de ser utilizada. Para isso, foram analisados sete textos literários, de um período entre 1887 a 1938, bem como dez edições de *O jornal* e doze edições de *O globo* para observar se haveria a recorrência da aglutinação. Como esperado, a linguagem literária demonstrou um maior período de permanência da aglutinação dos clíticos. Algo só encontrado em jornais de edições de 1877, ou anteriores, é visto, nas literaturas, com frequência até 1890/1900 deixando o uso em meados do século XX, ao menos nos textos analisados.

Assim, ao se estudar este tipo de mudança se vê que a sua principal consequência é que ao não haver a aglutinação dos clíticos pronominais o texto terá um ganho, sintaticamente falando, para compensar a perda que houve. Como no exemplo citado no tópico 3.1 em que se utilizou um pronome pessoal reto para se expressar o objeto, ou ainda, utilizar a repetição da palavra utilizada anteriormente. Sabe-se que, além das formas descritas nos exemplos, haveria muitas outras opções para compensar a perda do “o” aglutinado ao “me”, porém o que não poderia acontecer era a simples perda do “o”, pois, então, a frase perderia seu sentido. Assim sendo, ainda que a língua passe por constantes mudanças

gradativas, elas demoram a se perpetuar e no esquema estrutural da língua aquilo que se perde será substituído por outra palavra, pronome, locução e etc. para que a ordem, tanto num campo estrutural, quanto no campo semântico, pragmático e da intercompreensão se mantenha.

Neste artigo foi possível, por fim, constatar empiricamente que houve a mudança não somente na linguagem literária, mas, também, na escrita jornalística — que é mais próxima do cotidiano. Por meio dos dados ficou comprovado que os jornais se utilizavam da aglutinação dos pronomes oblíquos, e com o tempo isso se foi perdendo, primeiramente desaparecendo dos jornais e posteriormente dos textos literários. Contudo, ainda que não frequentemente, pode ser que se encontre em alguns textos os pronomes aglutinados. Isto porque os textos literários pesquisados, mesmo de edições mais atuais, trazem este uso. Portanto, pode-se considerar que o uso dos pronomes aglutinados não está completamente em desuso.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30.ed. São Paulo: Ática, 1997.

AZEVEDO, Aluísio. **O coruja**. São Paulo: Gaia, 2008.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Moderna, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

ELGIN, Suzette Haden; ROCHA, Alzira S. da. **Que é linguística?** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Ática, 1991.

GABAS JR., Nilson. **Linguística Histórica**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v.1. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GLOBO, O. Disponível em < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.



JORNAL, O. Disponível em < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Espanha: Editorial Sol90, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 25.ed. São Paulo: Martins, 1970.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**.80.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica, homenagem a Fernando Tarallo**. 2.ed.Campinas: UNICAMP, 1996.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2006.